



***BOM CRIOULO* DE ADOLFO CAMINHA: DA AMBIGUIDADE SEXUAL À MARGINALIDADE SOCIAL**

Darío Gómez Sánchez

Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: publicado em 1895, *Bom Crioulo* é conhecido como um romance pioneiro na representação de uma personagem ou enredo homossexual. Mas, ainda que em alguns fragmentos a obra de Adolfo Caminha pareça estar concebida dentro do discurso médico-moral surgido nos meados do século XIX sobre a identidade homossexual, também abre espaço para outras concepções sobre o assunto, dando como resultado uma oscilação narrativa na caracterização das relações sexuais entre homens. Além disso, pela variedade de oposições que evidencia, é possível pensar que *Bom Crioulo* é, principalmente, um relato sobre diversas manifestações da marginalidade social, uma marginalidade entendida muito além da sexualidade, e que outorga ao romance finissecular uma grande atualidade.

Palavras-chave: *Bom Crioulo*; Identidade homossexual; Marginalidade social; Naturalismo.

Abstract: Published in 1895, *Bom Crioulo* is known as a pioneering novel in the representation of a homosexual character or plot. However, although in some fragments the work of Adolfo Caminha seems to be conceived within the medico-moral discourse that emerged in the mid-nineteenth century on homosexual identity, it also opens space for other conceptions on the subject, resulting in a narrative oscillation in the characterization of sexual relations between men. In addition, due to the variety of oppositions it shows, it is possible to think that *Bom Crioulo* is, mainly, a tale about various manifestations of social marginality, a marginality understood far beyond sexuality, and which gives the finissecular novel a great relevance.

Keywords: *Bom Crioulo*; Homosexual identity; Social marginality; Naturalism.

Durante o século XIX, a ciência elabora o discurso que define as perversões sexuais, entre elas o homossexualismo, entendido como uma degeneração psíquica ou perversão do instinto, tendo como antecedente a revolução burguesa, quando o pederasta e o sodomita passam a ocupar o lugar de inferioridade atribuído à mulher. Eis uma síntese da teoria construcionista do surgimento ou invenção do sujeito homossexual, tal como explicada por Michel Foucault (1976) no primeiro tomo de sua *História da Sexualidade*. E só a partir dessa transformação de um comportamento em uma identidade é possível identificar na literatura uma temática ou personagem homossexual. É nessa perspectiva que Jurandir Freire Costa (1992) sinaliza que uma parte da literatura europeia dos finais do século XIX contribui para a (re)produção do sujeito homossexual, acrescentando-lhe algumas características como a sensibilidade (Proust), o conflito (Gide) e a marginalidade (Balzac), mas também colocando em questão o novo paradigma com alguns elementos próprios de uma estética do homoerotismo, como ele se ocupa em demonstrar.

Essa estética do homoerotismo – mais ambígua ou menos identitária – será progressivamente abandonada nas primeiras décadas do século XX para destacar o novo paradigma psicomoral, colocando a ênfase na confirmação da doença ou anormalidade do homossexualismo, o que narrativamente implica um realce dos elementos realistas sobre os ficcionais com uma visão ou sentimento trágico da vida – cujo comportamento exemplar seria, segundo Gregory Woods (2001), a vida de Oscar Wilde –; realce e visão que vão predominar pelo menos até meados do século passado, quando, em consonância com os movimentos de liberação homossexual, começa a surgir uma literatura que representa e reivindica a sexualidade entre homens com uma perspectiva menos patológica ou dramática, ainda que também sustentada no conceito de identidade.

No caso da narrativa latino-americana, encontramos dois romances que, em uma primeira leitura, poderíamos identificar como pioneiros na reprodução e difusão da visão psicomoral da homossexualidade: *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha e *El Angel de Sodoma*, do cubano Abel Diaz, publicados respectivamente em 1895 e 1928. E não deixa de ser notável que seja no Brasil e Cuba onde tal temática é representada muito antes que em outros países do continente. A permanência até finais do século XIX dos regimes espanhol e português com seu consabido catolicismo, ao mesmo tempo em que predomina uma forte influência da cultura negra na constituição de suas identidades nacionais, talvez tenham favorecido a expressão não só literária de sexualidades alternativas – advertindo que a cultura negra tem

sido frequentemente relacionada com uma suposta devassidão e o catolicismo tem contribuído para a condenação do prazer corporal. O fato é que *Bom Crioulo* é conhecido como o primeiro romance brasileiro – e uma das narrações pioneiras na literatura americana e universal – a colocar como protagonista uma personagem homossexual, mas é possível afirmar que tal reconhecimento é impreciso de várias maneiras e tem contribuído para uma leitura redutora da obra em sua complexidade.

Na língua portuguesa o tema das relações sexuais entre homens já tinha sido tratado pelo escritor português Abel Botelho em *O Barão de Lavos* em 1891, e no Brasil em 1885, pelo médico Ferreira Leal no romance *Um Homem Gasto*, que retrata um ‘homossexual’ de classe média que contrai matrimônio, mas suicida-se ao não ser capaz de manter sua relação matrimonial. Também *O Ateneu* de Raul Pompeia, em 1888, faz referência a uma apaixonada relação entre rapazes num internato, enquanto Aluísio Azevedo incluiu três estereótipos homossexuais clássicos: um jovem efeminado, um velho sujo e uma prostituta lésbica agressiva, em seu romance naturalista *O Cortiço* de 1890. Teríamos que dizer, no entanto, que nenhuma destas últimas personagens ocupa o espaço de protagonista nesses romances – como sim acontece em *Um Homem Gasto* – e que estão mais próximos de uma concepção comportamental e naturalista, ainda que não identitária ou exclusivista das relações sexuais intermasculinas – como é o caso do *Barão de Lavos*. Se concordarmos com a tese construcionista da homossexualidade como categoria da personalidade – que só aparece no século XIX, com a criação do homossexualismo – não teria como existir uma personagem homossexual antes disso. Uranistas, pederastas ou pedófilos, sodomitas, pervertidos ou outro tipo de caracteres ambíguos são definidos, não por uma identidade sexual, mas por seus traços de comportamento – entre eles suas preferências ou práticas sexuais.

No caso de *Bom Crioulo*, ainda que com alguns elementos do paradigma pseudocientífico identitário que se impunha na época, a caracterização da personagem principal como homossexual também não é definitiva. E mais do que isso, a oscilação ou ambiguidade na caracterização do protagonista deixa aberta a possibilidade de que a intenção narrativa do romance não esteja restringida à exposição de uma trágica relação homossexual, mas ao tratamento ou representação de diversas manifestações da marginalidade no contexto social.

1 Homossexualidades

Se bem que em alguns momentos o romance de Adolfo Caminha pareça sustentar a concepção médico-moral do homossexualismo — como quando chama a relação sexual entre homens de um "delito contra a natureza" (p. 38) — há também espaço para outras visões que não cabem dentro desse paradigma, ainda que também não se inscreva dentro da estética da ambiguidade mais própria do homoerotismo. Assim, por exemplo, Peter Fry (1983) destaca a influência das teorias médicas do século dezenove, enquanto David Foster (1991) diz que "o que é mais impressionante sobre o romance de Caminha é a aceitação do fato da relação homossexual de Bom-Crioulo com Aleixo como algo natural" (p.12). O que temos é uma oscilação narrativa na caracterização das relações sexuais intermasculinas, o que outorga ao romance uma grande atualidade porque, entre outras coisas, permite ao leitor focalizar na visão que quer privilegiar.

Bem no começo da história, e na perspectiva do Naturalismo, o narrador apresenta a homossexualidade como uma atração física, biológica, da mesma origem ou condição que a heterossexualidade:

Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! (Caminha, 1996, p. 26-27)

Há aqui uma relativização das diferenças entre o desejo heterossexual e homossexual, sem valoração negativa para este último. No entanto, posteriormente, esse desejo físico natural vira obsessão mental e, progressivamente, se transforma em problema comportamental:

Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo, como se ele fora de outro sexo, de possui-lo, de tê-lo junto a si, de amá-lo, de gozá-lo! ... Ao pensar nisso Bom-Crioulo transfigurava-se de um modo incrível, sentindo ferroar-lhe a carne, como a ponta de um agulhão, como espinhos de urtiga brava, esse desejo veemente — uma sede tantálica de gozo proibido, que parecia queimar-lhe por dentro as vísceras e os nervos... (Caminha, 1996, p. 29)

O "movimento indefinível" do desejo que vira "gozo proibido" é anunciado por um narrador que por momentos parece confundir-se com a personagem, não só pela onisciência, mas pela exteriorização de um monólogo autorreflexivo sobre a sexualidade. E é essa voz que

mistura narrador e personagem a que se faz a pergunta definitiva: “E agora, como é que não tinha forças para resistir aos impulsos do sangue? Como é que se compreendia o amor, o desejo da posse animal entre duas pessoas do mesmo sexo, entre dois homens? (Caminha, 1996, p. 29)

A resposta a essa pergunta não é unívoca, parte de diversas fontes que vão do moralismo religioso ao cientificismo moderno, passando pelas concepções clássicas ou ainda as mais heterodoxas. A perspectiva moralista aparece em outras situações, como quando Herculano é surpreendido “cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados [...] um crime de lesa natureza, derramando inutilmente a seiva geradora do homem” (p.16,17). Mas no caso do desejo homossexual, o moralismo aparece relativizado reiteradamente pela veemência do desejo físico, que, como foi anotado, é considerado da mesma natureza que o heterossexual.

Mas — instinto ou falta de hábito — alguma coisa dentro de si revoltava-se contra semelhante imoralidade que os outros de categoria superior praticavam quase todas as noites ali mesmo sobre o convés... Não vivera tão bem sem isso? Então, que diabo! Não valia a pena sacrificar o grumete, uma criança... Quando sentisse “a necessidade”, aí estavam mulheres de todas as nações, francesas, inglesas, espanholas... a escolher! (Caminha, 1996, p. 30)

A possível “heterossexualidade” do Bom-Crioulo é também contraditória, pois por momentos aparece como alternativa e por momentos é totalmente desconsiderada. E quando o marinheiro cede a seus impulsos e empreende a conquista do adolescente, aparece um novo elemento no tratamento do desejo: “[Aleixo] Parecia uma menina com aquele traje” (p. 31). Depois o biologismo se mistura com a visão mais clássica do desejo homoerótico: “Seu espírito não sossegara toda a tarde, ruminando estratégias com que desse a batalha definitiva ao grumete, realizando, por fim, o seu forte desejo de macho torturado pela carnalidade grega. (37)”. Até chegar, finalmente, à conclusão biomoral:

Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse — uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... — Ande logo! Murmurou [Aleixo] apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza (Caminha, 1996, p. 38).

Depois da consumação da relação física começa a ganhar destaque o discurso sobre a ‘patologia homossexual’, sustentado nas teorias do médico criminologista Cesare Lombroso,

difundidas a partir de 1893 em *Degeneração* de Max Nordau; teorias explicitamente assumidas em outros contextos por Adolfo Caminha – como veremos –, e segundo as quais os fatores ambientais e biológicos podem explicar comportamentos considerados anormais e/ou antissociais – no caso, a afeminação do adolescente e a perversão do negro ex-escravo. Mas, ainda que dentro da vertente naturalista seja possível encontrar elementos relacionados com esse discurso, a explicação da sexualidade em *Bom Crioulo* não se reduz à reprodução dos tratados médico-criminológicos da época.

Ao pensar nisso Bom-Crioulo sentia uma febre extraordinária de erotismo, um delírio invencível de gozo pederasta... Agora compreendia que só no homem, no próprio homem, ele podia encontrar aquilo que debalde procurara nas mulheres [...] E o mais interessante é que “aquilo” ameaçava ir longe, para mal de seus pecados... Não havia jeito, senão ter paciência, uma vez que a “natureza” impunha-lhe esse castigo. Afinal de contas era homem, tinha suas necessidades, como qualquer outro [...] Se os brancos faziam, quanto mais os negros! É que nem todos têm força para resistir: a natureza pode mais que a vontade humana... (Caminha, 1996, p. 40)

Biologismo, pederastia, pecado, perversão, sodomia, são justificativas diversas do desejo do Crioulo. E na caracterização do jovem encontramos o deleite helênico misturado com o anátema cristão:

Belo modelo de efebo que a Grécia de Vênus talvez imortalizasse em estrofes de ouro límpido e estátuas duma escultura sensual e pujante. Sodoma ressurgia agora numa triste e desolada baiuca da Rua da Misericórdia, onde àquela hora tudo permanecia numa doce quietação de ermo longínquo (Caminha, 1996, p. 48)

E ao longo do romance se alternam denominações de diversas índoles para o relacionamento entre os homens:

O Bom-Crioulo da corveta, sensual e uranista, cheio de desejos inconfessáveis, perseguindo o aprendiz de marinheiro como quem fareja uma rapariga que estréia *na libertinagem*, o Bom-Crioulo erotômico da Rua da Misericórdia, caindo em êxtase perante um efebo nu, como um selvagem de Zanzibar diante de um ídolo sagrado pelo fetichismo africano — ressurgia milagrosamente. (Caminha, 1996, p. 76)

Junto à referência ao efebo grego e ao fetichista africano, aparece a palavra “uranista”, usada originariamente pelo ativista Karl Ulrichs em 1864, mas curiosamente nunca aparece o termo homossexualismo ou homossexualidade, em circulação desde 1870. E ainda que as descrições do ato sexual não sejam muito explícitas, fica claro que seguem o modelo clássico do relacionamento entre um amante velho que faz o papel ativo e um amado jovem que se desempenha como passivo.

Em termos gerais, na caracterização do relacionamento entre Aleixo e Amaro o romance combina diversas visões e justificativas que vão da aceitação natural ou biológica do

relacionamento físico entre homens até a justificativa pseudocientífica da degeneração sexual ou racial, passando pela referência a elementos do helenismo clássico, o substrato africano ou o moralismo cristão. E a essa diversidade qualitativa soma-se uma evidência quantitativa: sem incluir as obsessões dos capítulos finais, o relacionamento afetivo-sexual entre os homens não ocupa mais do que a primeira parte do romance. O que faz pensar que em *Bom Crioulo* a intenção narrativa não pode ser restringida à exposição e/ou explicação de um comportamento e/ou relação homossexual nem à exemplificação literária de uma teoria pseudocientífica, como algumas leituras insistem em afirmar.

2 Além da sexualidade

O romance de Caminha está dividido em 12 capítulos, a relação entre Amaro e Aleixo em alto mar só ocupa alguns apartes dos primeiros seis (onde se relatam de forma velada ou sugerida dois encontros sexuais), e nos capítulos restantes fica restringida às lembranças das personagens. A partir do capítulo IV, o romance transcorre em terra firme, e a partir do capítulo VII, o eixo ou foco da trama é ocupado pela relação entre o Aleixo e Dona Carolina. Ainda que o tom naturalista se faça mais evidente, nesta segunda parte o narrador apresenta uma concepção mais ampla da sexualidade, não binária, poderíamos dizer – se bem que predominantemente biologistica –, reforçando a relativização do discurso médico-moral e identitário que se imponha à época.

— Pr’aí, meu jasmim d estufa, pr’aí! vais conhecer uma portuguesa velha de sangue quente. Deixa a inocência pro lado, vamos!...

Bateu a porta e começou a se despir a toda pressa, diante de Aleixo, enquanto ele deixava-se estar imóvel, muito admirado para essa mulher-homem que o queria deflorar ali assim, torpemente como um animal. (Caminha, 1996, p. 58)

Diferentemente dos encontros sexuais com o Amaro, no relato dos encontros sexuais de Aleixo com a mulher o narrador parece não só mais explícito, mas também mais crítico e mais sarcástico:

— Anda, meu tolinho, despe-te também: aprende com tua velha... Anda, que eu estou que nem uma brasa!... Aleixo não tinha tempo de coordenar ideias. D. Carolina o absorvia, transfigurando-se a seus olhos. Ela, de ordinário tão meiga, tão comedida, tão escrupulosa mesmo, aparecia-lhe como um animal formidável, cheio de sensualidade, como uma vaca do campo extraordinariamente excitada, que se atira ao macho antes que ele prepare o bote... Era incrível aquilo! A mulher só faltava urrar (Caminha, 1996, p. 58).

Aqui é interessante lembrar que na novela *Sapo* de Nestor Vitor (1897), publicada dois anos depois de *Bom Crioulo*, é também uma mulher a causa da separação do casal

homossexual, e é descrita pelo narrador como uma “bruxa trapuda que se fez coquette” e como “ídolo cornoide” (p. 150), reiterando a misoginia que parece ser traço frequente em muitos romances de temática homossexual. Mas, voltando a Caminha, nos encontros sexuais de Carolina e Aleixo se sinaliza, inicialmente, a aparência masculina da portuguesa, “essa mulher-homem” (p. 50), e a natureza ambígua, “o hermafroditismo agudo” (p. 75) do rapaz. Mas, posteriormente, ratificando toda uma transitividade sexual e corporal, a mulher masculina vira a amante consagrada e o adolescente afeminado acaba convertido em um rapagão, o que faz com que sua suposta identidade homossexual — nesse caso específico entendida como ‘inversão’ — seja, novamente, relativizada:

Estava gordo, forte, sadio, muito mais homem, apesar da pouca idade que tinha, os músculos desenvolvidos como os de uma acrobata, o olhar azul penetrante, o rosto largo e queimado. Em pouco tempo adquirira uma expressão admirável de robustez física, tornando-se ainda mais belo e querido. A portuguesa, essa vivia dele; amava-o, adorava-o! (Caminha, 1996, p. 82)

Levando em conta a extensão do romance, mais do que a história de um escravo degenerado, *Bom Crioulo* pode ser lido como o relato da rivalidade entre um homem e uma mulher pelo corpo de um adolescente, o que faz do jovem marinheiro o eixo da narração, a personagem mais dinâmica, ainda que menos evidente, porque passa do complacente parceiro passivo em uma relação homossexual para o papel ativo numa relação heterossexual. É verdade que enquanto ele namora a portuguesa na Rua da Misericórdia, o antigo amante, abandonado, decepcionado, vai entrando na obsessão que levará ao trágico final. Mas, ainda assim, é redutora uma leitura do romance como sendo apenas reproduzidor do discurso médico-moral sobre a homossexualidade.

Tal leitura, pelo que parece, tem sua origem em declarações do autor posteriores à publicação do livro, em que, para se defender de algumas acusações pessoais e das críticas ao seu romance, acabou resumindo sua obra desde a perspectiva da teoria da degeneração e da valoração negativa da homossexualidade:

Um marinheiro rude, de origem escrava, sem educação, nem princípio, num momento fatal obedece às tendências homossexuais do seu organismo e pratica uma ação torpe: é um degenerado nato, um irresponsável pelas baixezas que comete até assassinar o amigo, a vítima de seus instintos. Em torno d’ele se espalha o romance, logicamente encadeado, de acordo com as observações da ciência e com a análise provável do autor que, no caráter de oficial de marinha, viu os episódios acidentais que descreve a bordo (Caminha, 1896, *apud* Azevedo, 1999, p. 123).

Essa síntese do romance feita pelo autor parece contradizer a ambígua e complexa caracterização da personagem ficcional da qual temos falado. Como afirma Leonardo Mendes

(2003) a propósito dessa declaração: “Nota-se logo uma discrepância entre o que o autor pensa de seu romance e o romance que de fato ele escreveu” (p. 33).

Mas, voltando à nossa proposta de leitura além do sexual, é precisamente a partir da identificação da personagem do adolescente como eixo argumental, ou melhor, da centralidade da rivalidade entre a portuguesa e o marinheiro pela companhia do rapaz, que se faz evidente outra dimensão intencional do romance. Nesse ponto retomamos a análise de Regina Dalcastagnè:

Bom Crioulo entrega-se à luxúria, para de trabalhar e começa a exhibir um caráter violento, já sem “forças para resistir aos impulsos do sangue” (p. 51), até que, “tresvariado, como se de repente lhe houvesse fugido a luz dos olhos e a razão do cérebro” (p. 154), mata. Mas, essa, como já vimos, não é a única história, talvez nem mesmo a mais importante delas. Entremeadas a um roteiro naturalista — eivado de simplificações, de estereótipos —, vão aparecendo, extremamente vivas, outras facetas das personagens, e outras facetas de um discurso que se quer correto e integral, mas que, na verdade, fala da perspectiva de uma classe. Como o discurso do valor moral do trabalho, por exemplo, que se junta, quase invariavelmente, a um discurso de controle dos corpos. Ao dar vazão a outras possibilidades de apreensão do mundo social e a outros modos de viver a sexualidade, Adolfo Caminha instaura a ambiguidade em sua narrativa. Graças a essa ambiguidade, *Bom Crioulo* não é apenas um documento de época ou uma correta aplicação, no Brasil, das teorias do naturalismo francês (Dalcastagnè, 2017, p. 157).

Uma leitura de *Bom Crioulo* centrada nas práticas sexuais da personagem principal é redutora porque o romance de Caminha vai muito além da exposição de um episódio de degeneração causado pelas tendências homossexuais – como afirma o acurado autor — ou da representação da primeira personagem “gay” na história do romance brasileiro, como concluem os pesquisadores identitários.

3 A marginalidade

O relato do dia que Amaro ia embarcar pela primeira vez, bem no começo do romance, dá conta, com especial ternura, de que seu prazer está determinado, não pelos seus desejos físicos, mas pela conquista de liberdade, aceitação e reconhecimento de sua humanidade:

Chegou afinal esse dia. Bom-Crioulo estava nomeado para embarcar num velho transporte que seguia para o sul.

— Ora, até! fez ele, erguendo os braços com um gesto de maravilhosa surpresa. Até que enfim, graças a deus, lembraram-se do Bom-Crioulo!

E saiu por ali muito feliz, muito alegre, todo alvoroçado, anunciando seu destino. — Queriam alguma coisa do sul? Nem uma lembrancinha do Rio Grande? Nada, nada?... [...]

Todo ele estava pronto, e via-se-lhe no olhar, na fala, nos modos, o grande contentamento de que estava cheio seu coração. Era uma felicidade estranha, um bem estar nunca visto, assim como o começo de uma loucura inofensiva e serena, que o fazia mais homem vinte vezes, que o tornava mais forte e

retemperado para as lutas da vida. Suave embriaguez dos sentidos, essa que vem de uma grande alegria ou de uma tristeza imensa... Bom-Crioulo só experimentara prazer igual quando o tinham obrigado a conhecer o que é liberdade, recrutando-o para a marinha. (Caminha, 1996, p.23)

No começo da viagem, Amaro não manifesta nenhum tipo de interesse por outros homens, e sua preocupação pelo Aleixo começa quando quer proteger o jovem do abuso de outro marinheiro – assim como em outro momento, segundo relata o narrador, protege a portuguesa de ser roubada e “morrer na ponta de uma faca” (p. 45). O que parece motivar a aproximação do Crioulo não é tanto um desejo sexual, mas sim o desejo de ser reconhecido na sua humanidade:

O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto mar, a borda da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara desapiadadamente um segunda classe, porque este ousara, “sem o seu consentimento”, maltratar o grumete Aleixo [...]— Reconhecia que fizera mal, que devia ser punido, que era tão bom quanto os outros, mas, que diabo! estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem... (Caminha, 1996, p.19)

Ao se ocupar das relações entre raça e sexualidade em *Bom Crioulo*, Robert Howes (2005) identifica a facilidade com que Caminha entrelaça temas de gênero e raça ao redor da dicotomia entre homem e mulher, negro e branco, senhor e escravo (p.172). Seguindo essa proposta, podemos identificar uma série de oposições ou dicotomias que fazem evidente a procura do protagonista pelo reconhecimento da sua humanidade. Na apresentação do triangulo amoroso que causa o trágico desenlace, a intenção narrativa parece ir além da representação da sexualidade para se ocupar da relativização de oposições tais como heterossexual-homossexual, homem-mulher, branco-negro, e se centrar em outras menos evidentes e igualmente relevantes como: liberdade-escavidão, superior-subordinado, forte-fraco, humanidade-animalidade, companhia-solidão... Oposições nas quais o Bom Crioulo acaba sempre ocupando o pior lugar.

A dicotomia liberdade-escavidão é especialmente significativa, pois sabemos que Amaro fugiu da fazenda em que era escravo aos 18 anos para desempenhar primeiro a função de trabalhador de embarcações e depois de marinheiro:

[...] o novo homem do mar sentiu pela primeira vez toda a alma vibrar de uma maneira extraordinária, como se lhe houvessem injetado no sangue de africano a frescura deliciosa de um fluido misterioso. A liberdade entrava-lhe pelos olhos, pelos ouvidos, pelas narinas, por todos os poros, enfim, como a própria alma da luz, do som, do odor e de todas as cousas etéreas... (Caminha, 1996, p.21).

Mas essa sensação de liberdade desaparece depois do primeiro ano, quando o negro descobre que ainda na Marinha continua sendo escravo:

O tempo era pouco para um desgraçado cumprir todas as ordens. e não as cumprisse! Golilha com ele, quando não era logo metido em ferros... Ah! vida, vida!... escravo na fazenda, escravo a bordo, escravo em toda a parte... e chamava-se a isso de servir à pátria! (Caminha, 1996, p. 41)

E em vários momentos do romance, ele mesmo reconhece que não há tal liberdade porque o trabalho assalariado é outra forma de escravidão. “Afinal a gente aborrece... Um pobre marinheiro trabalha como besta, de sol a sol, passa noites acordado, atura desaforo de todo mundo, sem proveito, sem o menor proveito! O verdadeiro é levar a vida ‘na flauta’” (Caminha, 1996, p. 25).

A procura por liberdade se aguça nos capítulos finais, quando depois de muitos dias a bordo ele vai à Rua da Misericórdia e diz à Portuguesa:

— Eu que fugi, disse o marinheiro naturalmente, abrindo os braços num bocejo. Vim no escaler das compras e aqui estou sem licença.
— Que loucura, filho! São capazes de mandar-te prender...
—... que os pariu! Não sou escravo de ninguém. Fui quantas vezes quiser; ninguém me proíbe... (caminha, 1996, p. 63)

Ao não poder ver seu amigo, o crioulo fica bêbado e insiste nos anseios de liberdade como motivação de seu agir: “E abriu a boca numa tremenda explosão de impropérios, fechando o punho ameaçadoramente, desenrolando todo o vocabulário imundo e obscuro das tarimbadas contra os companheiros, berrando em alta voz “que era livre, que havia de fazer, que havia de acontecer!...” (Caminha, 1996, p. 66). E quando vai fugir do hospital onde ficou depois do castigo e antes do assassinato, o narrador conclui: “[...] ele que amava a liberdade com um entusiasmo selvagem” (p.75).

A oposição liberdade-escravidão serve também para pensar em Dona Carolina, antiga prostituta que supostamente encontrou algum grau de autonomia financeira com sua pensão na Rua da Misericórdia, mas ainda assim continua dependendo de um homem com dinheiro para seu sustento. E também para entender o agir do Aleixo, que em algum momento sonha em encontrar um homem com dinheiro para se libertar do Bom Crioulo que: “obrigava-o a excessos, fazia dele um escravo (p. 48)”. O crioulo, a mulher e o jovem continuam dependendo de outros, não importa as condições em que estejam. Talvez seja o amor de outro a única possibilidade de liberdade que eles têm, por isso o procuram com afinho, mas essa possibilidade acaba por frustrar-se.

Outro tópico que vai além do tema sexual é o racismo, sustentado na oposição branco-preto, que apesar de não parecer um eixo narrativo evidente, por não haver uma referência

explicita à exclusão de Amaro por sua condição de negro, é um tema que também não pode ser descartado. A propósito diz Dalcastagnè (2017, p. 150): “E se o trabalho duro dos marinheiros pode, em certa medida, irmanar negros e brancos, não há como ignorar o fato de que todos os oficiais são brancos e, assim, a hierarquia militar reflete também a hierarquia racial vigente na época”. É o caso do Comandante Albuquerque: uma estranha personagem referida no começo do relato, quando se diz que Amaro gostaria de embarcar em “certo navio” capitaneado por um fidalgo “que conhecia de vista” e de quem se dizia que “preferia um sexo a outro nas relações amorosas” (p. 25), e posteriormente quando o Bom-Crioulo quer justificar seus desejos se compara com “certo oficial de que se diziam coisas medonhas no tocante a vida particular. Se os brancos faziam, quanto mais os negros” (p. 40). A dita personagem reaparece na história perto do final:

O comandante, diziam, não gostava de saias, era homem de gênio esquisito, sem entusiasmo pela mulher, preferindo viver a seu modo, lá com a sua gente, com os seus marinheiros... E havia sempre uma dissimulação respeitosa, um pigarrear malicioso, quando se falava no comandante. Fosse como fosse, ninguém o desrespeitava, todos o queriam assim mesmo cheio de mistério, com o seu belo porte de fidalgo, manso às vezes, disciplinador intransigente, modelo dos oficiais. Bom-Crioulo, porém, nunca o estimara verdadeiramente: olhava-o com certa desconfiança, não podia se acostumar àquela voz untuosa, àquele derretido aspecto protetoral que ele sabia fingir nos momentos de bom humor. Evitava-o como se evita um inimigo irreconciliável. Por quê? Ele próprio, Bom-Crioulo, ignorava. Repugnância instintiva, natural antipatia — forças opostas que se repelem... (Caminha, 1996, p.68)

Com forças opostas o narrador alude à condição de comandante ou de homem branco? O fato é que vai ser precisamente esse comandante “de que se diziam coisas” (p. 40) quem vai ordenar o castigo do Amaro pelos crimes de “Desobediência, embriaguez e pederastia” (p. 70).

Talvez a única oposição em que Amaro ocupa o lugar de privilégio é na de força-fraqueza, pelo menos no aspecto físico, força que é a característica destacada pelo narrador desde o começo:

Não havia osso naquele corpo de gigante: o peito largo e rijo, os braços, o ventre, os quadris, as pernas, formavam um conjunto respeitável de músculos, dando uma ideia de força física sobre-humana, dominando a maruja, que sorria boquiaberta diante do negro. Desde então Bom-Crioulo passou a ser considerado um “homem perigoso” exercendo uma influência decisiva no espírito daquela gente, impondo-se incondicionalmente, absolutamente, como o braço mais forte, o peito mais robusto de bordo. Os grandes pesos era ele quem levantava, para tudo aí vinha Bom-Crioulo com seu pulso de ferro, com a sua força de oitenta quilos, mostrar como se alava um braço grande, como se abafava uma vela em temporal, como se trabalhava com gosto. (Caminha, 1996, p. 25)

E é precisamente essa força a que lhe permite ingressar na Marinha, ganhar o apreço de Aleixo e da portuguesa, mas também a vigilância e o castigo dos superiores. Porque essa

força não é outra coisa que a evidência de seu africanismo: “Hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera. Coisas do caráter africano” (p. 47), diz um dos superiores, relacionando a força física com sua origem; e essa origem e força serão relacionados com a animalidade: “Um pedaço de bruto, aquele Bom Crioulo! diziam os marinheiros. – Um animal inteiro é o que ele era” (p. 25).

A comparação do Bom Crioulo com um animal é bastante frequente e pode ser entendida como uma manifestação do racismo, na oposição branco-negro, mas também como o extremo de outra oposição mais determinante entre humanidade-animalidade, pois a condição animal é assumida pela mesma personagem, que no suplício da doença se compara com “um pobre cão sem dono” (p. 76), e quando castigado: “sofria tudo com aquele orgulho selvagem de animal ferido, que se não pode vingar porque está preso, e que morre sem um gemido, com um olhar aceso de cólera impotente!” (p. 70).

Mais do que a evidência da degeneração de um homem pelas suas inclinações sexuais, o romance de Caminha pode ser lido como a procura de um escravo animalizado pelo reconhecimento de sua humanidade, procura na qual o amor é fundamental, mas que acabará sendo frustrada, é claro, porque a personagem, como adverte o narrador no começo do relato, acaba “ignorando as dificuldades pelas que passa todo homem de cor em um meio escravocrata e profundamente superficial como era a Corte” (p. 21)

O protagonista do romance é menos uma personagem homossexual que um negro escravizado. Diz Dalcastagnè (2015, p. 147): “Afim, além de gay, ele é negro e trabalhador braçal. Juntam-se aí três características que, isoladas, já seriam suficientes para torná-lo invisível nos discursos predominantes que circulam pelos mais variados espaços sociais”. Bom Crioulo é, basicamente, um homem explorado pelos demais: pelos seus superiores na Marinha, pelo seu jovem amante e pela velha portuguesa. Personagens essas que, por sua vez, estão também procurando sobreviver e ser aceitas em uma sociedade que parece condená-las ao desamor e à desumanidade: o comandante enrustido fica fechado no seu camarote, a velha portuguesa deve continuar como prostituta e o Aleixo acaba sendo sacrificado ao tentar abrir espaço nesse mundo superficial e escravizante. Assim, mais do que a sexualidade, o assunto tematizado por Caminha é a afetividade, ou melhor, a falta de afetividade, a solidão, a exclusão, a marginalidade.

No final, o Bom-crioulo acaba sendo uma personagem problemática e trágica não tanto pela sua preferência sexual, mas pelas evidências da sua exclusão social e racial. E o autor,

um nordestino expulso da Marinha, compartilha essa exclusão com sua personagem, o que lhe permite ir além da objetividade de um escritor. É aí onde radicam a riqueza da personagem e a permanência do romance. *Bom Crioulo* trata da transitividade do desejo e da permanência da marginalidade, uma marginalidade entendida muito além da sexualidade. É uma obra não de identidades sexuais, mas de humanas perplexidades.

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, Adolfo: *Bom-Crioulo*. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1997 [1895].
- COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- DE AZEVEDO, Sanzio: *Adolfo Caminha: Vida e obra*. Fortaleza: UFC Edições, 1999.
- DALCASTAGNÈ, Regina: “Retrato sem parede: o *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha”. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, [S. l.], n. 24, p. 147–159, 2017. Disponível em: <<https://revistaveredas.org/index.php/ver/article/view/359>>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- F0UCAULT, Michel: *História da sexualidade 1. A vontade de saber*. Trad. Maria T. da Costa e J. A. Guilhaon. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988 [1976].
- FOSTER, William: “Latin American Literature” In: *An encyclopedia of gay, lesbian, bisexual, transgender and queer culture*. Disponível em: <http://www.glbtq.com/literature/latin1_am_lit.html>. Acesso em: 10 nov. 2022.
- FRY, Peter; McRAE, Edward: *O que é homossexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 1983.
- HOWES, Robert: “Raça e sexualidade transgressiva em *Bom Crioulo* de Adolfo Caminha”. *Graphos*, João Pessoa, v. 7, n. 2/1, p. 171–190, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/9459>>. Acesso em: 20 dez. 2023
- MENDES Leonardo “Naturalismo com aspas: *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha, a homossexualidade e os desafios da criação literária”. *Gragoatá*, 8(14). Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33444/0>>. Acesso em: 05 dez. 2023
- WOODS, Gregory: *Historia de la literatura gay: la tradición masculina*. Trad. Julio Rodríguez Puertolas. Madrid: Akal, 2001.
- VICTOR, N. *Signos*. Rio de Janeiro: Typographia Correia, Neves & C. 1897.
- ZADIG Mariano Figueira Gama: “Leituras de signos, de Nestor Victor, e o caso da novela ‘Sapo’”. *Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 442-459, 2020.

Darío Gómez Sánchez é Licenciado em Espanhol e Literatura pela Universidade de Medellin (1992), Mestre em Linguística Hispânica pelo Instituto Caro y Cuervo (1996) e Doutor em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2010). Diferentes possibilidades da Literatura Comparada, tais como a Tematologia, as relações entre literatura e história e entre literatura e teatro, assim como a poesia luso-hispano-americana desde o Modernismo, são suas áreas de interesse. E-mail: dario.sanchez@ufpe.br

Recebido em 14/11/2024.

Aprovado em 03/12/2024.

